



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

CASULO CULTURAL: da casa ao coletivo tramando arte e resistência na Amazônia

MSc. Renata Aguiar

Casulo Cultural, renataaguiarte@gmail.com

Resumo: Narrativas dos processos de produção de arte independente e poéticas autogestionadas na Amazônia, na transição do Casulo Cultural – casa de artista aberta ao público e galeria-estúdio experimental, para o coletivo nômade homônimo. Uma cartografia afetiva dos processos que a casa fez emergir entre os anos de 2014 à 2017 até os ataques LGBTfóbicos e machistas que nos forçaram a sair e buscar novas táticas de (r)existência em colaboração com indivíduos, coletivos, artistas, ativistas das pautas contemporâneas: feminismos, movimento negro e LGBT, entendendo que a arte não está desligada da formulação de discursos políticos; de que a construção coletiva e autogestionada já é em sua própria estrutura um processo revolucionário de (r)existência aos sistemas de poder; que a Amazônia, lugar de produção de sentidos e identidades faz surgir questões e discussões próprias que assim observadas na sua especificidade resistem a homogeneização globalizante e descoloniza corpos e mentes. Constituindo uma outra maneira de criar arte baseada na colaboração entre pessoas unidas pelo afeto e senso de comunidade, produzindo uma experiência de arte e cidade mais libertadoras e conectadas: o Casulo Cultural insinua e instaura obra poético-política processual em sua existência espaço-temporal, que busco resgatar e ressignificar pelo ato de narrar.

Palavras-chave: Poéticas-políticas. Amazônia. Resistência.

INTRODUÇÃO

*Tu que me arrebatas, me torce e
me manchas. Eu te devoro!
Me quebras, me tomas, chupas. Eu
te devoro!
Tu que bates, me marcas, me picas,
me sacodes. Eu te devoro!*
Carol Pabiq¹

Tenho no fundo dos olhos a imensidão do rio e a imensidão do mar, conheço florestas com verdes a perder de vista, minha terra é imensa, de horizontes continentais. Eu nasci em Urucará, uma cidade ribeirinha no estado do Amazonas, às margens do maior rio em volume de água do mundo. Cresci nos estados de

Rondônia e do Pará, sempre cercada por águas e florestas sem fim. Talvez isso tenha feito surgir, em algum lugar em mim, do meu corpo (porque eu sou matéria e substância), uma imensidão desabitada que busca nos horizontes, na contemplação e exploração, se preencher com todo o tipo de coisa, de gente e por fim todo o tipo de lugar.

Assim crescendo na prática nômade das constantes mudanças territoriais aprendi, com o passar dos anos, a lidar com inúmeros vazios que antes costumavam me atormentar. Descobri uma outra imensidão com a qual não estava familiarizada, em paisagens distantes da

¹ Carol Pabiq é artista independente, feminista negra, DJ e colaboradora do Casulo Cultural.



minha, tão gigantescas, que não deixavam o olhar repousar sobre o horizonte, foi uma grandeza vertical, que me inspirou *sonhos de voo* (BACHELARD, 2001)

Em busca desses sonhos passei a me envolver com o que chamo hoje de Arte Independente em Belém, cena que conheci participando de foto-varais pela cidade no ano de 2008, quando trabalhava como fotógrafa em um estúdio da cidade e também cursava graduação em Artes Visuais na Universidade da Amazônia – UNAMA, o que me colocou em contato com a Educação Básica em estágio na rede estadual de educação pública e também com o sistema institucional de arte em estágio no Museu Casa das 11 Janelas até 2010 quando concluí minha graduação.

A procura pela representação do lugar – desse que não é qualquer outro senão o que se apresenta na cotidianidade, íntimo, particular e imenso, dilatado pela contiguidade das águas, ruas, becos e estradas: caminhos, que a fotógrafa manipulando o aparelho “o apalpa, olha para dentro e através dele, a fim de descobrir sempre novas potencialidades” (FLUSSER, 1985, p.42), procurando perceber os cantos obscuros e pouco visitados do universo fotográfico, espaço debilmente iluminado, tentando construir para além do lugar comum do mercado e das padronizações das identidades pela globalização, com seus discursos

homogeneizantes, uma fotografia que realize um universo fotográfico diverso e constitutivo de subjetivações não programadas, no entanto:

Não é necessário imaginar um não dito ou um impensado que percorre e entrelaça o mundo com todas as suas formas e todos os seus acontecimentos, o qual teríamos de articular, ou, finalmente, pensar. Os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas que se cruzam, que às vezes se justapõem, mas que também se ignoram ou se excluem. (FOUCAULT, 2012, p.14)

Nas décadas finais do século XX e início do século XXI muitos outros fotógrafos foram, retornaram e continuam indo e vindo à procura de uma visibilidade e de uma visualidade amazônica conectora dos processos de construção da representação do lugar, sem considerar esse lugar de forma dicotômica: natureza x urbanidade. A partir desse olhar surge um discurso sobre as especificidades amazônicas e a sua representação não estereotipada, em contraposição à imagem amplamente aceita e bem quista pela mídia, que trata a Amazônia como exótica ou selvagem, lugar sobre o qual se fala, mas que não fala de si.

Foi pela fotografia que adentrei à arte, esse coexistir de mundos, que me permitiu circular em diversos ambientes, foi ela que me possibilitou viver também a cidade efervescente de espaços culturais de arte independente, autopoieticos e/ou



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

autogestionados, muitos deles organizados em circuitos interconectados de ações colaborativas. Espaços estes que surgem como alternativa à falta de incentivo do governo e suas instituições oficiais à arte e cultura locais. Por falta de espaços suficientes, ou suficientemente abrangentes para abarcar toda uma geração crescente de criativos, artistas e produtores culturais, que não se enquadram ou não desejam se enquadrar nas possibilidades dos espaços institucionais, patrocínios e editais de multinacionais e bancos, forma mais tradicional de financiamento para a arte e o artista hoje.

Esses lugares independentes que se mantêm em posição de resistência frente as dificuldades de viver de arte e de cultura no Brasil, principalmente no Norte e mais especificamente no Pará; muitas vezes sem nenhuma fonte de renda, além daquelas geradas pelo trabalho coletivo e/ou colaborativo de seus integrantes, participantes e frequentadores; tem construído um cenário independente organizado e declaradamente político, mostrando a potência da arte em coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados (PAIM, 2012). É nessa cena também, que o Casulo Cultural, casa de artista aberta ao público, onde vivi e atuei como agitadora cultural durante três anos, esteve inserida.

O cenário cultural e artístico constituído por casas de artistas, espaços privados abertos ao público, coletivos e movimentos de ocupação de espaços públicos e/ou urbanos, configuraram um território de arte diferenciado em suas proposições, que no entanto não substituem ou são de modo algum substituído pelos espaços públicos institucionais de arte, porém apresentam em seu próprio modo de existir e de fazer arte uma proposição política de resistência a constante programação das subjetividades pelo capital e pelo Estado, representantes do poder que se reforçam.

Na Amazônia, uma paisagem diferenciada, onde a natureza e a ação humana se fazem desmedidas – a fotografia das últimas décadas no Pará é permeada por uma “identidade particular” da produção local contemporânea. É nesse sentido que compreendo apropriado falar sobre uma “moderna tradição amazônica”, discutida por Fábio Castro (2011) em seu livro “Entre o Mito e a Fronteira”, dotada de um sentir específico que influencia até hoje a produção fotográfica local. Assim essa cartografia do Casulo Cultural, emerge de um discurso construído a partir de um profundo envolvimento com a região e um nomadismo estruturado no senso de comprometimento com as vivências e lugares compartilhados com pessoas e afetos, em idas e vindas em uma



estrutura de documentação poética da relação de fotógrafa/artista radicada na Amazônia.

1. LIVROS, PISTAS E MAPAS

Como método usai a cartografia, que se presta à análise e desconstrução de dispositivos, ação de desemaranhar linhas de força, além de instrumentalizar a resistência em seus modos de objetivação e subjetivação, já que: “Tal como proposta por Foucault e Deleuze, a análise cartográfica configura-se como instrumento para uma história do presente, possibilitando a crítica do nosso tempo e daquilo que somos.” (FILHO E TETIA, 2003, p. 45).

Confiar na arte, talvez este seja o primeiro passo para se iniciar um trabalho acadêmico que aponta a arte como fonte de conhecimento, entendendo o papel do artista/pesquisador como um sujeito que olha para a metodologia e busca constituir um estar no mundo dentro de uma perspectiva formal e artística. Arte e vida, vida e arte, no método cartográfico é possível acompanhar processos que ainda estão ocorrendo, situações e acontecimentos em curso do qual sou parte inserida, e que é percebido a partir de uma vivência que não pode ser descolada da observação, diagnósticos e reflexões suscitadas

2. DO CASULO AO VOO: uma metamorfose coletiva

Não. Ouça, foi isso que aconteceu: eles mentiram, venderam-lhe ideias de bem e mal, infundiram-lhe a desconfiança de seu próprio corpo e a vergonha pela sua condição de profeta do caos, inventaram palavras de nojo para seu amor

molecular, hipnotizaram-no com a falta de atenção, entediaram-no com a civilização e todas as suas emoções mesquinhas.

Hakin Bay

Expor (-se) um ser dissidente é um ato de vulnerabilidade e resistência, dada as estruturas do poder na sociedade que disciplina corpos e mentes para a normalização dos comportamentos, no entanto, se todos temos o direito à liberdade, desejamos mais que tudo o direito de (r)existir.

O Casulo Cultural – casa de artista e galeria/estúdio experimental - abriu no dia 13 de dezembro de 2014 e foi criada por mim e pela Tati Brito. A ideia do espaço surgiu entre amigos, em conversas, em mesas de bar, corredores de galerias e na rua. A cidade de Belém ainda hoje não tem tantos espaços e na época menos ainda, que trabalhassem ou deixassem trabalhar com arte num lugar amplo como o que nós encontramos naquela casa. A ideia era ter um espaço onde nós pudéssemos trabalhar e morar juntas, um espaço de produção, de arte e vida.

Logo depois da inauguração, que ocorreu como parte da programação da Virada Cultural Belém², minha parceira e eu acabamos nos separando, ela foi viver outros trabalhos e eu fiquei na casa

² A Virada Cultural Belém foi um festival de artes integradas com duração de 24 horas em vários cantos da cidade, simultaneamente, as atividades aconteceram nos dias 13 e 14 de dezembro de 2014 na região metropolitana de Belém.



morando sozinha, a partir de março de 2015. Desde então a administração da casa, as curadorias, e os trabalhos que realizei no Casulo Cultural foram sendo permeados pelas relações de afeto que se construíram até ali e a partir de lá. Assim quem participou da construção desse espaço foram amigos, companheiros, pessoas próximas, amores, família, gente que estava colada a mim e àquela casa por uma *liga*, que principalmente afetiva, era também de amor à arte em suas potencialidades políticas transformadoras.

O amor é como a relação entre um peixe e uma bicicleta, posto que nem um nem outra podem calcular aquilo que os une: o amor é a força do antiutilitário na vida. O que existe entre o peixe e a bicicleta é o vazio, o 'nada em comum', que deverá fazer-se comum a cada vez. Sobre esse vazio, os amantes são construídos pelo amor [...] o comum se constrói sobre um vazio de lei. (NAVARRO et al., 2005, p. 113)

Esse foi o lugar das construções, gestação dos indivíduos, alteridades individuais que articularam entre si uma poética-política do possível, uma produção artística que (r)existe a instrumentalização da vida e a elitização da arte, se constituindo na articulação entre os diversos sujeitos e se fortalecendo na colaboração, que se revela nas experiências, cenas articuladas, movimentos agenciados, saberes produzidos, construindo e sendo

construídos por um afeto onde antes havia o vazio.

Esse “vazio de lei” é o lugar das construções, gestação dos indivíduos, alteridades individuais que articulam entre si uma poética política do possível, uma produção artística que resiste a instrumentalizações da vida e a elitização da arte, se constituindo na articulação entre os diversos sujeitos e se fortalecendo na colaboração, onde a moeda de troca, se é justo assim dizer, se dá nas experiências, cenas articuladas, movimentos agenciados, saberes produzidos, construindo e sendo



construídos por um afeto onde antes havia o vazio.

Imagem 1: O casarão antes do Casulo Cultural
Fonte: arquivo Casulo Cultural

Assim criamos um discurso que é também político na sua forma de (r)existir e se articular com artistas, coletivos e produtores, e ainda quando escolhemos as pautas que vamos trazer para as exposições, oficinas e atividades da casa. Percebemos então, que no entorno desse afeto, desse amor, fora desse nosso lugar



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

protegido, esse nosso lugar de construção e criação, havia um outro universo que nos hostiliza, um mundo com um pensamento retrógrado nos rodeando, a nossa volta nos cercam poderes ditando normas, cerceando liberdades, disciplinando formas de existir, então fortalecemos nosso discurso político quando percebemos que a nossa existência não é aceita pela norma, não é compreendida pelo padrão, quando nos damos conta que para exercer direitos de liberdade, como cidadãs que somos, é preciso lutar por isso, porque apesar de serem direitos, eles não são entregues a nós, eles precisam ser conquistados. Essa conquista se dá na luta pela nossa (r)existência.

Eu percebia inicialmente como meu território de luta o movimento feminista e LGBT+, como mulher LGBT que sou. Essas foram pautas que me trouxe muito aprendizado dentro da vivência do Casulo Cultural, como casa de artista aberta ao público e disposta a agenciar debates e trocas.

Foram a partir das atividades da casa que tive contato com o Feminismo Negro, onde me ocorreram diversas revelações sobre questões que não me atingiam e por isso mesmo eu não as percebia, como é o caso da sobreposição de formas de opressão que se dá sobre a mulher negra, que sofre pelo racismo e machismo.

Apesar de ao longo do tempo ter observado de perto o crescimento do Movimento Feminista Negro na cidade, por conta de amigas e *manas* negras ligadas ao movimento, eu não tinha um entendimento tão objetivo quanto o que vivenciei no primeiro debate que tivemos em 2015, o Casulo Debate Feminismo Negro na Amazônia, dentro da exposição ParÁfrica da Ana Carla Oliveira e da Aíssa Mattos, projeto de fotografia que elas desenvolvem junto a população negra paraense em quilombos, comunidades do Estado e na própria cidade de Belém.

Imagem 2: Casulo Debate Feminismo Negro na Amazônia



Fonte: arquivo Casulo Cultural

Realizamos a exposição fotográfica desse projeto que constrói uma cartografia visual dos negros no Pará, projeto com o qual tinha relação principalmente pelo fotográfico, já o tinha visto em foto-varais pela cidade de Belém, mas ainda não em uma galeria, eu conhecia as *meninas* a partir dessa aproximação com a cena independente de Belém, porém o atravessamento que o Feminismo Negro fez durante essa exposição no Casulo Cultural que *me acordou* e me chamou



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

atenção para esse acontece, o fato de que as relações de gênero são também atravessadas pelas questões de classe e de cor.

Imagem 3: Abertura da exposição ParÁfrica



Fonte: arquivo Casulo Cultural

Angela Davis explica em seu livro “Mulheres, raça e classe” que “Racismo e sexismo frequentemente convergem” (2016, p. 71), no entanto as pautas e reivindicações negras tem sido muitas vezes ao longo da história subalternizadas por mulheres brancas, inclusive as feministas, especialmente no que diz respeito ao trabalho doméstico, direito à voto e afetividade, assim, com esse novo entendimento que me veio talvez um pouco tarde, decidi colaborar mais diretamente com as *manas* negras nessa luta que nos une, mas não nos unifica, já que como mulher branca conheço a opressão do machismo, mas não a do racismo, que só pude imaginar pelos relatos de experiências das Feministas Negras que comecei a conhecer naquele dia. Foi uma fala da Marinéia que mais me afetou nesse dia, ela fez um relato de uma

situação racista pela qual passou na universidade e eu comecei a me dar conta de que eu não sei o que é isso, e percebi ali o quanto era cruel que isso aconteça pelo simples fato de ela ser negra e eu sendo branca não conhecer a opressão do racismo que se constrói de mãos dadas com o patriarcado. Desde então o Casulo tem sido um espaço parceiro do Feminismo Negro.

Essa casa foi um imenso aprendizado para mim, perspectivas, pontos de vista, lugares que vão se instalando aqui nesse espaço e me construindo, construindo o que foi o discurso dessa casa durante três anos, e construindo também uma nova consciência de mundo, de humanidade e arte para mim, que estava sempre aqui mediando e registrando essas atividades.

O Casulo Cultural era também a minha casa. Como artista e fotógrafa abri as portas e acabei me tornando produtora e curadora de uma proposta de criar diálogos entre diferentes linguagens em torno das temáticas poético-políticas em exposições/ocupações de Arte. No percurso da casa o Casulo Cultural atuou principalmente como galeria de arte e realizou entre os anos de 2014 e 2017 quatorze exposições: Cidades Íntimas, Zimba, Alguém mora dentro de mim, EntreRuas, Inspirando Sonhos, Literalmente, O self é a vida, SPAM Xumucuís, Tupiniqueers, Universo de Si,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

ParÁFRICA, Cuir, Transações, Encantarias da Ilha, que de maneira direta ou tangencial abordavam questões referentes a arte, cultura popular, movimentos negros, feminismos e principalmente LGBTQIs.

O salão da galeria e estúdio experimental foi ainda lugar de ocupação para diversas atividades ligadas à arte, educação, cultura popular, direitos humanos, política e sociedade com as pautas regulares do Casulo Debate que teve como temas: Feminismo Negro na Amazônia, Discriminação LGBT, Identidade de Gênero e Violência, Bioconstrução, carimbó e surf, Imagens, Colagens, clichês e imagens redy-mades, Arte e identidade, História da Montação e Maquiagens Transgressoras; com oficinas e/ou cursos regulares como Universo de si: canto e fotografia, Iniciação ao Stiletto, Dança Afrocontemporânea, Desenho com Modelo Vivo, Nós na Mídia, Pinhole digital e parcerias com projetos, espaços culturais e instituições públicas ou privadas como Cartografia Ecossistema Tropical 2.0, NoiteSuja, Desapego das Manas, Rede de Mulheres Negras, Cia Varisteiros de Teatro, Égua do Bazar, Xibé com pandeiro, Circular Campina Cidade-Velha, Universidade da Amazônia, Da Tribu, Associação Fotoativa, Apanhador Só, atividades divulgadas principalmente em mídia digital a partir da fanpage no

Facebook como plataforma principal de difusão e conexão com artistas, colaboradores e público, alcançando em 2015 também à mídia tradicional no jornal O Liberal, TV Liberal, TV Cultura e Jornal Diário do Pará, através da colaboração de assessoria de imprensa da jornalista Yvana Crizanto, hoje integrante do coletivo.

Assim, o Casulo Cultural passou a ser símbolo de um espaço de resistência e luta na cidade de Belém, Bairro da Campina³, esquina da Travessa Frutuoso Guimarães com a Rua Riachuelo, conhecido ponto de prostituição, venda e consumo de drogas, em contraste com os tradicionais moradores remanescente da Belle Époque⁴ e ainda artistas, coletivos e galerias de arte, atraídos pelos casarões históricos e alugueis baratos, que se misturam e tencionam constantemente, num ativismo que se dá a partir da arte e se expande para territórios múltiplos, fazendo pensar sobre as instabilidades das fronteiras entre meios de comunicação de massa, principalmente a fotografia, que além de registrar os acontecimentos e criar novas obras a partir destes, é também nosso principal meio de apresentação dos

³ Bairro que constitui o Centro Histórico da quadricentenária cidade de Belém.

⁴ Ocorreu na Amazônia no final do século XIX e início do século XX nas cidades de Belém e Manaus, o período foi marcado por intensa modernização de infraestrutura urbana financiada pelo Látex.



acontecimentos passados e de divulgação dos futuros.

Contudo, coexistindo em tensionamentos e sofrendo diversas ofensivas machistas, racistas e LGBTQIfóbicas, foi no dia 07 de Outubro de 2017 alvo de um violento ataque, na ocasião em que a Casa realizava pelo terceiro ano consecutivo a festa *drag* NoiteSuja de bolsa, que celebra a diversidade de gênero junto a Festa da Chiquita⁵, dentro das festividades do Círio de Nazaré⁶. A festa NoiteSuja de bolsa que terminava com um cortejo saindo do Casulo Cultural em direção ao Bar do Parque⁷ - porto onde acontece a Festa da Chiquita - foi atacada com um rojão enquanto as *drags* se concentravam na rua em frente ao casarão para a saída do cortejo. Tentando conter a explosão de

⁵ Parte do cenário cultural que compõe o Círio, a Festa da Chiquita acontece há mais de 30 anos ao lado do Bar do Parque, na Avenida Presidente Vargas, em Belém. Tudo começa após a procissão da transladação, que leva a imagem peregrina em direção à Sé. A festa reúne o público gay, simpatizantes e personalidades da cultura do Estado. O momento mais esperado da festa é a coroação do “Veado de Ouro”, prêmio dado geralmente a alguém que se destaca no meio artístico.

⁶ O Círio de Nazaré, é uma manifestação religiosa católica em devoção a Nossa Senhora de Nazaré, que ocorre no município de Belém, no estado brasileiro do Pará. Celebrado anualmente desde 1793, no segundo domingo de outubro, reunindo hoje cerca de dois milhões de pessoas em todos os cultos e procissões

⁷ Pequeno bar de arquitetura *art nouveau* localizado na Praça da República, ao lado do Theatro da Paz, símbolo dos tempos de auge da extração da borracha na Amazônia, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan.

violência generalizada que se iniciava, fui até a rua tentar entender o que havia ocorrido e conversar com os envolvidos, quando fui ameaçada com arma de fogo pelo mesmo homem que havia atirado o rojão contra as performers. A polícia foi chamada, mas como instituição representante do poder, pouco fez além de dispersar o tumulto.

Com medo da crescente violência dos ataques a casa, na qual era moradora em tempo integral, e intimidada pelas represálias de vizinhos e da polícia, fortalecidos pelo discurso de ódio a mulheres e LGBTQIs no momento político do país, resolvi fechar a casa e me mudar, fugi.

No entanto, se para Deleuze e Guattari “pensar é sempre seguir a linha de fuga do voo da bruxa” (1992, p.59), foi no voo de uma estratégia nômade que o Casulo Cultural sobreviveu. Articulado artistas, jornalistas, designer e outros profissionais que faziam a casa, inventamos o coletivo para criação, produção e difusão de arte homônimo.

Criamos como ação inaugural da nova forma de (r)existência a publicação independente *Casulo*, páginas território, onde narramos as vivências e afetos de três anos da casa que nos deu origem. Os lançamentos do impresso, em junho de 2018, aconteceram no Espaço Cultural



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Apoena⁸, na Associação Fotoativa⁹ e no Porto do Fogo¹⁰.

Imagem 4: festa de lançamento revista Casulo #00 no Espaço Cultural Apoena



Fonte: arquivo Casulo Cultural

Constituímos como marca da nossa metamorfose nesse ano de 2018 a ocupação de outros lugares, a constituição de uma máquina de guerra nômade (DELEUZE e GUATTARI, 1997) interconectada com uma rede de espaços, de pessoas e da rua como lugar para a criação e difusão das nossas narrativas e enunciações (r)existentes.

Imagem 5: Abertura exposição (R)existimos e NoiteSuja de bolsa no GEMPAC



Fonte: arquivo Casulo Cultural

⁸ Espaço de cultura com ambientação, culinária, música e arte tipicamente paraense.

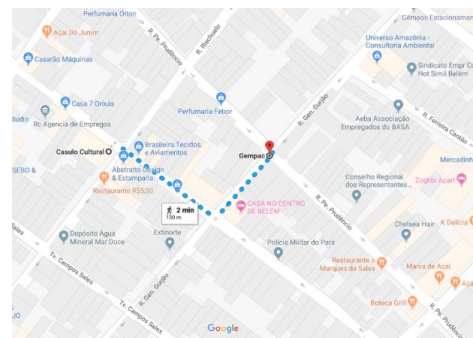
⁹ Organização sem fins lucrativos que trabalha com o processo da fotografia voltada para a construção de exercício da cidadania.

¹⁰ Espaço de gastronomia e cultura paraense na Ilha de Mosqueiro

Nessa nova forma conseguimos construir, junto à Casa Velha e Sibila Filmes, três edições da mostra de cinema de rua Cidade em F(r)estas e a exposição (R)existimos: corpos políticos do desejo.

A exposição que abriu no dia 13 de outubro deste ano, marcou a volta do Casulo Cultural e do NoiteSuja ao Bairro da Campina, com mais uma edição da festa NoiteSuja de bolsa, numa articulação com o Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará – GEMPAC, que cedeu seu espaço para nossa ocupação. Sendo sua sede à distância de um quarteirão da casa que abrigou o Casulo Cultural.

Imagem 6: Distância entre a antiga sede do Casulo Cultural e Gempac.



Fonte: adaptado do Google Maps

Essa retomada, no Bairro da Campina, teve um significado de renascimento, conseguimos fazer o cortejo até a Festa da Chiquita, que saindo da Gempac, seguiu pelas ruas do bairro: numeroso, múltiplo, barulhento e cheio de brilho e coragem, corpos (r)existentes, que em meio ao clima político de violência e medo do período eleitoral conturbado do ano de 2018, se expõem em ato poético-



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

político de afirmação da arte e de nossas existências que não serão mais silenciadas.

Imagem 7: Cortejo para a Festa da Chiquita.



Fonte: arquivo Casulo Cultural

Reunidos novamente todos os integrantes do coletivo Casulo Cultural, quatro meses após o lançamento da revista Casulo#00, última grande produção realizado pelo coletivo, potencializamos nossa ação, intensificando os afetos e ressignificando memórias e acontecimentos passados.

COMCLUSÃO

Todos esses processos complexos, linhas de fuga, poéticas-políticas, potencialidade, múltiplas conexões, fronteiras que se borram, são o desejo de cumprir o devir-voou de um casulo que se recusa a expirar, mas que carece de um mapa para que possamos realizar seu “acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas”,(PASSOS; KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009, p. 10) para aqueles que desejem caminhar por sua geografia, para que eu mesma possa.

Assim, construindo cartografias afetivas e resgatando memórias emerge um território de narrativas que de outro modo ficariam submersas, histórias outras, de uma outra Amazônia (em chamadas). Contra os perigos da narrativa única à arte independente e declaradamente política que o Casulo Cultural constitui em devir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos:** ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BEY, Hakim. **TAZ:** Zona autônoma temporária. Trad. Patrícia Decia & Renato Resende Digitalização Coletivo Sabotagem. Disponível em: <Copylefthttp://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/4a_aula/Hakim_Bey_TAZ.pdf> Acessado em 12 fev. 2017, 23:13:05.

CASTRO, Fabio Fonseca de. **Entre o Mito e a Fronteira:** estudo sobre a figuração da Amazônia na produção artística contemporânea de Belém. Belém: Edição do Autos, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.



FILHO, Kleber Prado e TETIA, Marcela Montalvão. **Cartografia como método para as ciências humanas e sociais.** Santa Cruz do Sul, in Barbarói n.38, p.45-59, jan./jun. 2013. Disponível em < <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/2471/2743> > Acesso em: 05 ago. 2018, 23:40:05.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta:** ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MATURANA, Humberto & VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento:** as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athenas, 2001.

NAVARRO, Santiago García (et al.). **El pez, la bicicleta y la máquina de escribir:** um libro sobre el encuentro de espacios y grupos de arte independientes de America Latina y el Caribe. Buenos Aires: Fundación Proa/Duplus, 2005.

PAIM, Claudia. **Táticas de Artistas na América Latina:** coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados. Porto Alegre: Panorama Crítico Ed., 2012.

PASSOS, Eduard;, KASTRUP, Virginia e ESCÓSSIA, Liliane da. (Org.). **Pistas do Método da Cartografia.** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 2 ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

ZIZEK, Slavoj. **Acontecimento:** uma viagem filosófica através de um conceito. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.